Ano III (Segunda epoca) — *Sabado, 15 de Fevereiro de 1908.* — Num. 5.

A LUCTA PROLETARIA

Órgão da Federação Operária do Estado de S. Paulo

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES DEVE SER OBRA DOS MESMOS TRABALHADORES.

ENDEREÇO: CAIXA DO CORREIO 580
SÃO PAULO (Brasil

OPERARIOS: SOMOS PEQUENOS PORQUE ESTAMOS DE JOELHOS. LEVANTEMO-NOS.

ESPEDIENTE

Condições de assinatura:

1 mez	$500
3 mezes	1$500
6 „	3$000
1 ano	6$000

A todos os jornaes operários pedimos a remessa de um esemplar para a redàção.

O encarregado do jornal pode ser encontrado na nossa séde todos os dias das 8 ás 4 e das 7 ás 9 da noite.

Os companheiros do interior que tenham possibilidade de organísar conferencias de propaganda podem contar com a cooperação do nosso redàtor: basta avisar-nos com alguns dias de antecedencia.

Toda a correspondencia para a *Federação Operaria* deve ser dirijida á CAIXA DO CORREIO 580.

O 2.° Congresso Estadoal Operário

REFERENDUM

a todas as sociedades operárias de rezistencia de S. Paulo e do Interior

Convidamos todas as ligas e sindicatos operarios a responderem-nos com a maior urgencia às seguintes perguntas, pois é preciso ativar os trabalhos do Congresso que, por deliberação tomada na reunião geral das commissões ezecutivas do dia 3, deve ser realizado na primeira quinzena de Abril.

1.° Deseja a liga aderir ao 2.° Congresso Estádoal?

3.° Em que cidade do Estado acha a liga que o mesmo Congresso deve efetuar-se?

As ligas de S. Paulo e do interior devem responder *antes do fim do corrente mez de Fevereiro.*

A Federação Estadoal.

Normas para o Congresso

Aprovadas na reunião do COMITÉ da Federação em 5 de Fevere ro

1.° O 2.° Congresso Operario Estadoal realizar-se-à nos dias 17, 18, 19 de Abril, sendo a primeira sessão no dia 17 as 7 e meia da noite.

2.° Poderão participar ao Congresso todas as Ligas e Sindicatos Operarios com caràter da rezistencia baseados sobre a luta de classe. Nas localidades onde não ha associação de classe poderão os opera rios fundar um grupo, não inferior a 25 socios, e partecipar ao Congresso.

3.° Cada Liga ou Sindacato operario izolado — nas localidades onde haja Federações ou Uniões de varios gremios—poderà enviar ao congresso 2 delegados.

As Federações ou Uniões de gremios enviarão 2 delegados por cada gremio ou sindicato nas mesmas federado.

Nas localidades onde não ha Federação nem União de gremios o sindacato ou Liga izolado poderà enviar ao congresso 3 delegados.

4.° Os delegados deverão ser operarios e trabalhar àtualmente no oficio ao qual pertence a Liga ou gremio que representam.

As uniões de oficios varios escolherão seus delegados nos diversos ramos de oficio às mesmas aderidos.

5.° As adezões deverão ser dirijidas à *Federação Estadoal de S. Paulo* até ao fim do corrente mez de Fevereiro.

6.° Para as despezas do Congresso, cada associação aderida deverà entrar com a quantia de 10$000.

As Federações e Uniões de gremios pagarão 10$000 por cada gremio ou Sindicato federado que partecipe do Congresso.

7.° Todas as associações que participarem do Congresso poderão enviar *temas* ou *propostas* para serem postas em discussão no mesmo.

Os *temas* deverão ser dirigidos— até ao fim do mez de Março — à Federação Estadoal.

Organizemo-nos

De cartas e apontamentos que muitos dos nossos companheiros de trabalho nos mandaram e continuam a mandar em resposta ao nosso referendum sobre os ensinamentos trazidos ao proletariado de S. Paulo pelos ultimos acontecimentos, depreende-se bem clara a necessidade de iniciar aqui um sério trabalho de organização operária.

Falando verdade, ha, em S. Paulo e no interior do Estado, bons elementos que já foram bem bôa ajuda no nosso movimento associativo, ou pelo entuziasmo com que se dedicavam á propaganda, ou pela compreensão do seu dever de operários concientes. Entretanto, estes companheiros abandonaram ha tempo toda a sua átividade, limitando-se a aparecer na sede no dia de reunião ou, quando muito, a pagar as suas quotas á respétiva associação declasse.

O grande, o verdadeiro trabalho de propaganda que se deve fazer incansavelmente nas oficinas, em palestras de amigos, de companheiros é aqui muito descurado.

Doutra forma, como justificar a situação estacionária (não queremos dizer decadente,) dos nossos sindicatos? E' porque não se cuida, por parte dos que mais se deviam a êle dedicar, deste trabalho paciente, constante, mas muito aproveitavel, que é a propaganda simples, miuda dos mais elementares principios da luta de classe.

E' verdade que os ezemplos, os factos deveriam bastar por si sòs para convencer os nossos companheiros da utilidade da organização de calsse: mas é precizo que esses factos, esses ezemplos sejam levados constantemente, insistentemente aos seus ouvidos atè que se convençam de que devem tomar parte direta no nosso movimento.

Não basta a propaganda teórica, não basta conseguir que o individuo se julgue ou se diga conciente: é precizo trazer ao movimento novos prozélitos, é indispensavel reforçar as nossas associações.

Deve ser esta, a tarefa dos amigos de bôa-vontade e a este trabalho queremos dedicar todos os nossos esforços: Organizar, trazer á àtividade prática os elementos mais aproveitaveis e estimulá-los a que, por sua vez, difundam a idéia. de organização no meio em que vivem e se ajitam.

Diverjencias políticas, mesquinhas questões pessoais não devem deter os nossos amigos no cumprimento deste dever, e isto pelo bem do proletariado e da sua cauza, da qual se dizem defensores.

Já penetrou no espirito da maioria dos operários de S. Paulo a faisca lançada pelos ultimos acontecimentos: assopremos o fogo, companheiros, alimentemo-lo com a nossa àção de todos os dias e teremos comprido com nosso primeiro dever.

Organizemo-nos, e procuremos trazer á organização os nossos amigos! Eis o trabalho a fazer hoje, eis o que devemos fazer se não quizermos que os efeitos da nossa propaganda fiquem estereis, se não quizermos ter àmanhã na conciencia o remorso de havermos sacrificado as nossas mesquinhas questiúnculas o movimento operário de S. Paulo.

A ARBITRAJEM OBRIGATÓRIA

SEUS LASTIMÓZOS REZULTADOS NA AUSTRÁLIA DENUNCIADOS POR TOM MANN

(De "La Voix du Peuple" de Paris)

Já tivémos ocazião de assinalar as criticas que a esperiéncia levou o cidadão Tom Mann a fazer á arbitrajem obrigatória na Austrália. Agóra, êle volta de novo a questão, em *«The Socialist»* de Melbourne:

No número de 14 de setembro último, Tom Mann ataca violentamente a arbitrajem obrigatória tal qual éla eziste na Austrália e como os millerandistas no-la aprezentam.

O camarada Mann esplica como os métodos legais fazem esperar aos trabalhadores, durante anos, uma decizão dezejada, e como, depois que essa decizão afinal chega, a apelação por parte dos patrões a deita por terra.

«Em cinco minutos, diz Tom Mann, os esforços de anos são complètaménte destruidos e os patrões têm de novo os operários em seu poder, o que torna estes ridiculos e lhes vale a aplicação de ditos esprobativos».

Ài está o que são as Comissões de salário (*Wages Boards*), conformes á lei. Tom Mann reconheceu nas suas criticas, que fôra n'outros tempos partidário da arbitrajem obrigatória — agóra, porém, vê-lhe o fracasso.

«*A* verdadeira virilidade combativa, escreve êle, parece ter desaparecido e e dado lugár a uma fraqueza e a uma quiètação cheias de respeitabilidade, a uma auzencia quasi completa de interesse pela solução do problema industrial e social; a ponto de, na Nóva Galles do Sul, a «*Arbitration Act*» ser àtualmente tida como um pezadêlo e um pezo morto—um obstáculo ao progresso. Em (Vitória, as decizões das «*Wages Boards*» quando são até certo ponto, favoraveis aos operários, pódem ser inteiramente destruidas pela Côrte de Apelação (Industrial Appeal Court). Por isso somos forçados a declarar que estes meios lejislativos chamados «*Arbitration Courts*» ou «*Wages Boards*» não são um sucesso».

Por ultimo, Tom Mann chega a concleuzões favoraveis á àção direta:

«Pela lójica cruel da esperiencia, é —nos precizo chegar a uma organização mais àtiva e mais real. Nada de lutas locais datando do vélho tempo e alongando-se ás vezes por cinco ou seis anos—mas o sindicalismo universal, claro, bem definido, caminhando direito ao fim, êsse sindicalismo geralmente conhecido, na àtualidade, como a organização industrial de todos os operários do mundo e no qual o mecánico e o carpinteiro, o alfaiate e o chapeleiro, o padeiro e o carniceiro, e as grandes massas de trabalhadores se tratarão um aos outros como verdadeiros camaradas na grande luta pela liberdade industrial».

As desgraças infantis e a imprensa burgueza

Não é raro o cazo em que a imprensa burgueza tem a rejistar um desastre fatal de que é vitima uma criancinha, e não é menos raro o cazo em que a noticia é acompanhada da nota: POR DESCUIDO DOS SEUS PAIS.

No que, porem, ninguem fala é nas condições em que acontece o dezastre que quasi sempre arrebata a vida de um futuro proletario. -- Pois, é escuzado disê-lo as pequenas vítimas são sempre dos nossos.

Uma vez é um pequeno que, brincando com outros cai n'agua e perece afogado; outra, é uma criancinha che se queima com agua a ferver ou é esmagada pela rodas dum carro: e assim uma infinidade de desgraças que, no juizo da *grande* imprensa, são devidas á desatenção dos pais.

Mas ninguem diz que a mãi do pequeno estava naquêle momento na fábrica e não podendo pagar a uma pessoa que lhe cuidasse do filho, o deixara entregue aos cuidados dos irmãos pouco maiores que êle; que nos immundos *cortiços* as crianças mal têm espaço para se mexer e devem brincar num quarto de poucos metros quadrados, que serve aos pais para dormir, comer, cuzinhar e até trabalhar.

Não dizem que a mãi azafamada no trabalho, que deve forçòzamente entregar em tempo marcado -- sob pena de o perder — não pode atender ao pequeno, porque é obrigada a entizicar-se á máquina de costura ou á meza de engomar.

Não dizem que a mizéria terá talvez forçado a pobre mãi a ir amamentar o filho de um pequeno burguez deixando o seu ao cuidado de estranhos.

E não se envergonham de ensanguentar ainda mais a ferida de uma infeliz mulher que ás muitas dôres deve juntar a mais dilacerante de todas—a perda do seu querido filho.

Não pensam que, a não ser constranjida pela miséria, nenhuma mãi quereria separar-se por um instante do seu filhinho e quando é obrigada a fazê-lo treme a cada momento pelos pequenos sêres que são sangue do seu sangue.

E não têm uma palavra de desprezo para esta sociedade que é a única responsavel de tantas vítimas inocentes.

Que sabem êles do sacrificio das proletárias, se as suas *senhoras* podem dar-se ao luxo de uma ama que cuida dia e noite do seu preciozo pequerrucho?

Nada disto sabem os modernos farizeus, mas se hoje ou ámanhã um futuro tirano chora mais do que é costume, enchem as colunas dos seus jornais de frazes compunjidas, encharcadas de consternação. E isto é muito natural!

Os pequenos párias, as infelizes crianças que ámanhã serão esploradas e desprezadas por serem frutos de ventres pobres, não têm direito aos cuidados maternos e se morrem é por fatalidade ou por vontade do *bom deus.*

E assim vai o mundo, entre bajulamentos mais ou menos hipócritas e insultos mais ou menos infames.

AGOSTINA GUIZZARDI.

O Trade-Uniunismo Norte Americano

O prometido estudo de A. Bruckère ainda não poude sair neste número, como desejavamos; a escessiva abundancia de matéria forçou-nos a adiar a sua pubblicação para o que vém.

Ser ou não ser

O dilema é de ferro: Ou somos operàrios concientes ou não somos: ou somos carneiros que se deixam tosquiar sem reajir contra os patrões gananciosos, ou somos homens, e è preciso neste caso demonstrar que como homens pensamos e ajimos.

Não ha escapadela nenhuma, não pode haver diverjencias: Ser ou não ser!

Se somos operários concientes é precizo demonstra-lo, do contrario mais vale dizer francamente a verdade e manifestar o nosso aféto pelo patrão *que nos dá de comer* e que tem direito á nossa submissão

Ser ao mesmo tempo amigo de Deus e do diabo (como diziam os nossos avós) é um sistema muito facil, mas êle pode trazer-nos consequencias muito serias.

Agora, que o movimento operario em S. Paulo vai tomando impulso, é necessario que este dilema seja posto quasi que diariamente diante dos olhos dos nossos companheiros de trabalho.

A luta está travada e uma linha divisòria separa cada vez mais os dois ezercitos combatentes. Dum lado, os operários, pobres, sem dinheiro, possuidores de uma unica força — o seu braço; do outro, os capitalistas ricos, barrigudos, sustentados pelo governo, fortes com apoio das leis que lhes garantem a sua vida de ociozos parazitas —

Cada qual deve escolher seu posto de combate. Quer ir do lado dos pátrões? Vá lá, vá com êles, seja seu escravo, defenda-os dos ataques dos inimigos, ajude-os na sua ação contra a classe adversaria. Lembre-se porem o que tal fizer, de que nada deve esperar de nós, porque nós, dirigindo os nossos golpes contra os patrões, alcánça-lo-emos a êle e êle cahirá com os nossos verdugos.

Quer ser nosso amigo?

Queres?

Tu que tens de comum conosco a mizeria, os sofrimentos, as injustiças sociais, queres juntar-te aos que combatem com todos os meios os seus uzurpadores?

Vem conosco, vem ao Sindicato de rezistencia, onde se forma se detempera a conciencia proletaria, onde se preparam as forças para a luta de todos os dias, luta que só acabará quando uma das classes desaparecer vencida pela classe adversária.

Os patrões são nossos inimigos. Todos, sem distinção nenhuma, procuram transformar em dinheiro o suor do nosso rosto e com esse dinheiro, enchem dia a dia as suas burras jà repletas.

Portanto, quem é amigo dêles é inimigo nosso, quem os defende combate-nos e não pode reclamar a nossa amizade.

Quando um operário nos ilude, quando aproveita a nossa bôa-fé para nos atraiçoar, merece todo o noso desprezo e temos todo o direito de ajir contra ele, como ajimos contra o patrão, porque êle o ajuda, porque está com êle no campo adversario.

«Ser ou não ser!» devemos dizer a cada momento aos companheiros de oficina e convencê-los a escolher *concientemente* entre os dois campos:

No Sindicato, com os operários e contra os patrões e seus acólitos; ou fora do sindicato, com o patrão e contra os operários.

«Quem não està conosco está contra nós!»

Eis a grande questão.

PA - TIF.

Concluindo

João Aguiar emvia-nos em resposta á nossa anotação ao seu artigo do numero passado, uma carta que sentimos não poder publicar. Diz o nosso amigo que interpretámos mal as suas frazes, pois êle, já está convencido « pela esperiencia dos factos que o melhor meio de reivindicarmos os nossos direitos não é o que hipòcritamente apregôam os falsos amigos do povo ».

« Já fui politico, continua o Aguiar, e sei que a politica é demasiadamente ruim para julgá-la boa.

Envestiguei seus fins e desiludi-me vendo homens que passavam por sinceros defensores do proletariado ficarem governistas, demonstrando assim possuir um repugnante caràter ».

Antes assim! Damos portanto por acabada a nossa pequena polémica e esperamos do amigo Aguiar a valioza colaboração que nos prometeu. Procure o nosso amigo — e esta recomendação fazemol-a a todos os companheiros que nos enviam artigos para serem publicados — tratar assuntos de caràter geral, que interessem dirètamente todo *o proletariado do nosso paiz, ainda bastante cego, e demaziado escravo para compreender o caminho que a necessidade do momento lhe ensina e pelo qual êle deve dirijir seus passos com enerjia e constancia; isto e: a organização de classe, livre de todas e quaesquer questões politicas, livre da intromissão do que não têm em comum com êle necessidades e aspirações.*

COMICIO ANTIMILITARISTA

Como se tinha anunciado, realizou-se no *Rink* o comicio público, promovido por um grupo de aderentes á *Liga antimilitarista* do Rio, para protestar contra o serviço militar obrigatorio.

Eram quazi duas da tarde quando C. Dias, vindo espressamente do Rio, assumou à tribuna, para esse fim levantada.

Com frazes vibrantes e enerjicas deixou cair a prumo esta afirmação: « sou brazileiro nato e apezar de não conhecer outra fronteira que não seja o universo, faço esta declaração para evitar mal intendidos.» Isto foi dito no intuito bem evidante de não ser tomado por estranjeiro, argumento que sempre adotam os burguezes, todas as vezes que querem deturpar os factos.

Tinha sido aprezentado ao delegado, que logo o qualificou de anarquista. Foi para a tribuna e quiz cientificar o mesmo que coiza era o anarquismo.

Assim em vez de começar por fazer a autópsia ao militarismo e pôr a nù as suas chagas gangrenozas, enveredou pelo anarquismo.

Nesta ordem de ideias foi obrigado a lançar algumas frazes mais duras: referiu-se á mizéria em confronto com a riqueza e disse que a propriedade privada era un roubo. Aqui houve uns «não apoiados!......»

Ele esplicou que os aceitava com aquella tolerância que lhe era peculiar e acrescentou: ha pobres e ricos; ha gente que nada faz e nada produz e goza do fausto, de todo o conforto, de todo o requintismo que se possa imajinar; ha outros que levam toda a vida em um labatar continuo suando, trabalhando, monrejando dia e noite e não tem nem sequer para satisfazer as suas necessidades mais imediatas: de maneira que neste ponto alguem è roubado.

Por outro lado Proudhon, um dos maiores filózofos do seculo XVIII, iá tinha lançado esta fraze no principio do seu livro: *O que é a propriedade?*

Sò uma ignorancia crassa, levaria os burguezes imbecis, lá prezentes, a protestarem, quando è certo que o orador não quereria emancipar a burguezia, das suas doutrinas.

Depois fez uma leve referéncia aos atentados e disse que, quando a cabeça dum tirano cai, quantas não fez êle já tombar e ninguem lhe pede satisfações por isso, e a haver responsabilidade em ambos os cazos éla ezistiria.

Aqui, a burguezia que se achava largamente reprezentada, interpretando estas palavras, talvez como aluzão aos ultimos acontecimentos de Portugal, prorompeu em gritos de «fóra! fóra!» saindo alguns.

Como este povo è bastante medrozo, começou a sair e a debandada foi geral, obrigada em parte pela intervenção da policia, que tratou de ir impurrando para fora o pessoal.

O orador muito tranquillo deceu do estrado e foi rodeado pelo delegado e seus apaniguados que o mandaram immediàtamente para a estação da estrada de ferro, acompanhado dum segreia, seguindo no trem que logo chegou, escoltado por trez esbirros, com destino a São Paulo.

Na estação houve uma pasmaceira enormo: juntou-se uma caterva de basbeques que muito analizaram o bom do Dias, julgando-o talvez alguma ave rara.

O sr. delegado increpou um nosso companheiro que se tinha ido dispedir do orador: Que estava ali a fazer? e intimou-o a retirar-se senão iria parar là abaixo. Este lá abaixo era talvez o xadrez.

Este delegado è um tipo carateristico. E' mesmo digno de estudo. Algum dia o submeteremos a uma observação subjètiva bazeados numas notas que um jornal local publicou.

A imprensa, como sempre, tornada mejéra para com os humildes e os grandes ideais; defenzôra e e arma da burguezia desalmada, estampou uma porção de inezátidões, pintou o orador com umas côres terriveis, hediondas: «estava ofegante, a respiração saia-lhe apressada e o suor corria-lhe em camarinha pela fronte.»

Vejam que tirada de retòrica, que imajem rocambulesca.

Um fura-greve saindo fora dos limites do bom-senso apanhou uma tapa que o fez cambalear. Por sinal o Olivio ia a passar na ocazião e imputaram-lhe a culpa como agressor. O bom do homem, por temperamento inofensivo, incapaz de matar uma mosca, ia agora a bater num canalha. Ainda assim foi conduzido para a delegacia e sò á noite foi posto em liberdade.

Alguns jornais noticiaram que o orador se riferira ao rei do Portugal e seu filho, mas isso é mentira: Nem por sombras citou ninguem: falou na generalidade.

E se queriam mais esplicações tivessem o bom senso de lh'as pedir ou esperassem pelo fim.

De qualquer maneira o que disse está dito.

Quem ignorava estas coizas ficou a sabe-las, ouviu-as e, tarde ou cedo, ha de pezá-las.

A àção da policia è que foi pouco coreta, como sempre que dezeja intervir.

Mandar o homem prezo para S. Panlo! Mas porque? A constituicão da repùblica não concéde a liberdade da manifestação do pensamento a todos e qualquer cidadão? Então todas as seitas fazem as suas afirmações e pregam as suas doutrinas, e este não tem o direito que aos outros cabe?

Ah! santa república!

Ah! santa Russia!......

Campinas

UN OPERARIO CATOLICO.

Decididamente o «Avanti» anda de má sorte! Todas as vezes que procura cotucar-nos sai machucado.

Ha dias, falando da Cooperativa dos Chapeleiros, quiz lançar-nos a sua flexinha e publicou testualmente: Apezar *das ideias anarquizantes da Federação Operária, os chapeleiros deliberaram fundar a sua cooperativa». Qual foi o rezultado da prosa* Avantista? *Este: Numa assembleia geral de chapeleiros, estes que sabem que a Federação não combateu, e não a podia combater, a sua iniciativa da Coopeartiva, e que pelo contraria os ajudou e continua a ajudar; que sabem que na Federação não vigora nenhuma ideia politica—os chapeleiros, diziamos, protestaram contra a publicação do «Avanti!« e autorizaram-nos a tornar público o seu protesto.*

Decididamente o «Avanti» está sem sorte!

Tàtica Errada

Assisti sábado passado á palestra entre operários na sede a Federação, e na dita reunião observei uma tática errada ou antes um antilibertarismo que um companheiro espoz aos prezentes.

O referido companheiro referindo-se ao militarismo disse que, sendo os operarios das Ligas na sua maioria estranjeiros deviam uzar muita cautela em combater a famijerada lei do serviço militar obrigatorio. Aqui pergunto eu: porque? Quais os motivos?

Como! Os operários não devem afrontar o seu mais terrivel inimigo o sicario o guarda-costas dos patrões?

Os estranjeiros não serão como os nacionais sujeitos aos ataques destes monturados? Foram poupados os estranjeiros na luta em Maio passado?

Não foram êles, como os nacionais, vitimas das violencias praticadas a golpe de sabre pelos mantedores da ordem na ocasião em que assaltaram a sede social da Federação? (*) *Os nossos companheiros chapeleiros não estão sendo vitimas da mesma prepotencia na àtual greve? Não têm tentado e não tentam enfraquecer o justo entuziasmo dos trabalhadores, adquirido em Maio passado? Mas si fizessemos como aconselhou aquêle companheiro, isto é: uzar cautela com os esbirros dos patrões, era precizo lojicamente uzar outra tanta cautela com os mandatarios (os patrões) e depois com os superiores dêles, os governos, em fim uzar cautela com todos os esploradores da classe operária, e acabar por fazer uma santa peregrinação a Nossa Senhora da Penha. Mas quem provocou estes esfaquedores legaes? Não são sempre êles a provocar os operários? Quando nós pedimos aos nossos* bons patrões *um pouco mais de pão para os nossos filhos, e um pouco mais de descanço para restabeleceras nossas ezaustas forças; offendemos com isto a bandeira destes filhos de Marte? E' necessario ser muito leal com os operários, dizer-lhes que qualquer tentativa que êles façam para melhorar suas condições, encontrar-se-ão sempre de frente com estes fardados quebra-cabeças defenzores dos privilejios patronais. E' justamente pela manha da cautela e da legalidade que nunca se chega a tirar uma aranha do buraco. Quando a autoridade, (a lei) não nos molesta é sinal evidente que não prejudicamos em coiza alguma os interesses dos patrões. Mas como o companheiro tem a coraejm de aconselhar a cautela aos operários quando a cada passo são vitimas do aperto mortal deste militarismo; quando a cada momento praticam novas sangrias? Não são os operários estranjeiros e nacionais que pagarão com impostos todas estes novas despezas que com o militarismo obrigatorio se irão encontrar? Mas será verdade que os operários estranjeiros não devem êles mesmos fornecer os continjentes desta nova escola de violentos?*

Primeiro serão os naturalizados a pagar este tributo de sangue e depois os filhos de nacionais e estranjeiros que desde tempo estão-se preparando nas escólas para que, quando sejam já aptos, marcharem em defeza da patria que êles não possuem e dos privilejos que gozam os nossos esploradores.

Qual è o operário conciente que não conhece a triste influencia dos quarteis? Não são estes as escòlas praticas da mais morboza corrupção, a propagação da prostituição e da miseria?

Nós devemos tomar cautela sim, mas da nossa vida ameaçada deste monstro de mil cabeças, o militarismo.

O que nos acautela quando somos assaltados por quem quer que seja é um bom porrete para a cacunda de quem nos assalta. Quando eu me vejo agredido não pergunto se são estranjeiros mas á violencia, se posso, respondo com a violencia. Mas mesmo que o militarismo não troussesse a nòs estranjeiros nenhum prejuizo, deveriamos, apezar disso insurjir-nos com todos os nossos meios e mostrar aos nossos companheiros brazileiros que nós defendemos os interesses de todos os trabalhadores do mundo porque todos os trabalhadores são nossos irmãos. E nós deveriamos abondonar os nossos companheiros quando estão justamente lutando contro o nosso inimigo comum: o militarismo?

Quanta cautela não se uzou em Maio passado e, apezar disso, não faltaram as provocações chegando a fechar a nossa casa cujos alugueis tinhamos pagos com o nosso suado dinheiro. E eziste uma lei que garante a inviolabilidade do domicilio! Mas que importa isso? as leis são feitas para garantia dos ricos e sendo êles por emquanto os mais fortes abuzam do proletariado. E' precizo aconselhar aos trabalhadores que se unam para ser fortes, que só assim terão a seu favor o direito.

Qualquer cautela que uzarmos nas reivindicações dos nossos direitos teremos sempre aos calcanhares o fardado cão de guarda dos patrões.

Quando penso que nas escólas publicas roubam o tempo das lições para gasta-lo em ensinar aos nossos filhos a arte de matar — digo de assassinar o povo; quando vejo esses innocentes meninos vestir aquêle hediondo vestido, não posso deixar de combater essa instituição militar que põe os operários em luta uns contra os outros; em beneficio dos capitalistas. Não ê coiza abominavel obrigar os proletarios a defender o que a êles mesmo foi roubado?

Companheiros: não abandoneis o arado que sulca e fecunda a terra produtora dos alimentos para vòs e os vossos queridos; não deserteis das oficinas, não abandoneis o vosso mister para empunhar o fuzil que deverá ámanhã fazer de vós tantos Cains. Vinde a nós, unamos, a demolir este velho e podre edificio burguez e pizando as malditas einzas proclamaremos a humanidade uma só familia e patria o mundo.

UM PINTOR

(*) Os dois operários assassinados em Jundiaí, por occazião da greve da Paulista, pelo chumbo do governo, eram estranjeiros.

N. d. R.

Boicotai os produtos Matarazzo.

O MOVIMENTO EM S. PAULO

Prevenimos os nossos assinantes de S. Paulo de que na próssima semana o nosso encarregado Ferruccio Doná procederá ás cobranças nos arabaldes de: BOM RETIRO, VILLA BUARQUE E BARRA FUNDA.

Para poupar-nos trabalho, pedimos encarecidamente aos assinantes o favor de deixarem a importancia a alguma pessoa de familia para que seja entregue ao nosso cobrador.

Os chapeleiros

Quando se diz que os burguezes têm a cabeça mais dura que ferro não se diz nada. A àtual greve dos chapeleiros é a mais patente demonstração da ignorância que reina soberana entre a classe capitalista paulistana.

Em qualquer parte do mundo, os patrões quando, como aconteceu em S. Paulo, são os que iniciam ou provocam dirètamente a luta, procuram evitar o mais possivel os prejuizos e se depois de alguns dias de greve, não conseguem normalizar o trabalho na sua oficina, cedem — embora com intenção de voltar ao ataque na primeira ocazião que se lhes aprezente — porque sabem por esperiencia que os estragos feitos na produção por adventicios incapazes não sómente dão um prejiuizo immediato — muito superior talvez ao que teriam se cedessem ás ezijencias dos seus operários,—como tambem fazem com que a frèguezia fique descontenta e suspenda as encomendas.

Em S. Paulo acontece o contrário. Na fabrica Matanó, a unica que conseguiu trazer ao trabalho um certo número de pessoas sem aprendizajem — engraxates, carregadores, vendedores de bananas e vagabundos, enfim, tudo o que podia ser utilizado como espantalho — os prejuizos são incalculaveis.

Uma pessoa que supomos bem informada a este respeito disse-nos que *a fabrica Matanò caminha a passos de gigante para o abismo.*

Os estragos que dia a dia os crumiros fazem nesta fábrica são enormes: chapeus queimados pela tinta imprestavel, jogados ás dezenas para baixo das mezas de propriajem e uma quatidade incalculavel de materia prima atirada ao cisco. Acresente-se que os poucos chapeus que os patrões conseguem levar para o depósito são devolvidos por não se acharem em condições de poderem ser postos no mercado. Mau era que os srs. Matanò, Sericchio & C. tivesem alguma esperança de restabelecer quanto antes a normalização do trabalho na sua fabrica! Mas não a têm: a próssima abertura da cooperativa e o facto de muitos dos grevistas já estarem collocados em outra fábricas diminue por sua parte as probabilidades de vitória.

A fábrica de Matanò, Serricchio & C. està, portanto, considerada pelos chapeleiros como fóra da luta: Os crumiros trabalham por êles e para êles, e a sabotajem que involuntáriamente praticam levará Mattanò, Serricchio &. C. a morderem-se de raiva quando já não tiverem rimédio para salvar a situação.

O contrario acontece com a fabrica de Villela & C., na qual as probabilidades de vitória por parte dos grevistas aumentam dia a dia.

Entretanto, continuam os chapeleiros a distribuir mantimentos aos grevistas com o dinheiro que os operários de S. Paulo e do interior lhes têm enviado e que, esperamos continuarão a enviar até ao fim do movimento.

A Liga de Limeira, filiada á «União dos Chapeleiros» tambem enviou nestes dias mantimentos aos grevistas.

Pequenas notas

De um manifesto distribuido pela «União» recortámos o seguinte:

FABRICA DE CHAPEOS MATANÓ, SERICCHIO & C.
Regulamento interno de fabrica

1.º O horario será de 9 horas. O vapor apitará as 6.45 da manhã e depois ás 7 horas; sendo que no segundo apito já deve estar o crumiro em seu respétivo lugar, tendo uma hora para o almoço, que é das 11 horas a meio dia, e não podendo abandonar o posto nas horas do trabalho. Quem assim não fazer, será sujieito a multa. A' tarde não poderá abandonar o respetivo lugar sem o apito;

2.º Será garantido o lugar a todos os que trabalhavam na Fabrica por ocazião da greve.

Não serão aceites na Fabrica todos aqueles que pertençam a qualquer Associação em São Paulo.

3.º Os crumiros serão responsaveis pelo trabalho que fazem; sendo entregue o trabalho ao contra-mestre e não sendo pelo mesmo encontrado em condições, os crumiros assumirão responsabilidade dos chapeus estragados;

4.º Uma vez que não se aprezentem na hora do apito (ás 6 45 de manhã) não poderão entrar mais em todo o dia. Os encaregados da Fabrica têm o dever de entrar na mesma um quarto de hora antes do primeiro apito e de tarde sair uma hora depois do apito. Haverá um encaregado para fazer vigorar todos os artigos acima referidos.

5.º Serão despedidos da Fabrica todos aqueles que destes artigos falarem na rua, bem como do andamento da Fabrica, e uma vez despedidos não serà atendida nenhuma reclamação.

Os artigos continuam mas por hoje sò soubémos destes; assim que podermos saber dos restantes, publicá-los-emos todos por inteiro.

A greve dos tijóleiros

Era lojíco era natural, era indispensavel que isto se desse.

Os fabricantes de tijolos não podiam proceder de outra forma, para obter um melhoramento de condições que os puzesse ao par das outras categorias de operários. Já o dissemos no numero passado: a sua, mais do que vida de homens è vida de bestas e assim mesmo de bestas magras, pois a irrisoria compensação que pelo seu trabalho recebiam mal chegava para a codea de pão diaria. E dissemos tambem que os tijoleiros da Conceição tinham deliberado de, depois do dia 9 de Fevereiro, declarar a gréve cazo os patrões não quizessem aceitar estas novas tarefas:

Por um dia de 10 horas. . .	**4$**
Tijoleiros — cada milheiro . .	**4$5**
Pipeiros » » . .	**2$3**
Tirar tijolos no rancho . . .	**1$**
Engradeadura	**0$7**
Desformar	**1$**

Por um dia de 10 horas 4$!!! que ezijencias! Não acham que os tijoleiros pedem muito?

Pelo menos assim pensou a maioria dos proprietarios de olarias e responderam que não aceitavam os novos preços porque os trabalhadores podem muito bem *far l'America* com os 3$5 que costumam ganhar. Tudo è questão de *economia* e se os tijoleiros não jogassem o dinheiro a mãos cheias ficariam ricos em menos de um ano.

Assim dizem êles, naturalmente, mas os tijoleiros não querem saber de historias, pois as historiás não enchem a barriga e ezijem, que os seus pedidos sejam *totalmente* aceites.

Assinaram a nova tabela, comprometendo-se á a respeitar os preços impostos pelo *Sindicato fabricantes de Tijolos* os seguintes proprietarios de olarias: Guerrino Brotto, Paolo Sabatino, Francesco Rodanzio, Liberato Pulsone, Florindo Costa e Lissi Antonio.

Ficam em grève os operarios de 14 olarias.

* * *

Um empreiteiro trousse-nos estes apontamentos que valem mais de qualquer argumentação:

Aceitando os proprietarios de olaria os pedidos de seus operários veriam pagar *por cada milheiro de tijolos:*

Manufátura	**4$5**
Pipeiros	**2$3**
Enformadura	**1$3**
Desformadura	**1$3**
Levar os tijolos no rancho. .	**1$**
Engradeatura	**$7**
Tirar barro da varzea . . .	**1$5**
Mantimento aos burros . . .	**1$**
Lenha	**6$**
Despezas de carroças. . . .	**1$**
Total. . . .	**20$6**

Daí resulta que, mesmo acedendo aos pedidos dos tijoleiros, cada proprietario de olaria ganha — sem fazer nada — 3$ por cada milheiro de tijolos; isto é: dois terços de quanto ganha um operario por 10 horas de um trabalho assassino.

* * *

Domingos Frangonello è entre os proprietarios de olarias um dos mais furiózos. Logo depois de receber a carta que lhe tinha sido enviada pelo Sindicato despachou o seu operario Francisco Castellani com a acusação de cabeça do movimento. Que idiotas! Continuam na procura de cabeças e não percebem que os verdadeiros instigadores da greve são êles, com a sua avidez de burguezes.

— Os barqueiros, transportadores de tijolos, deram aos grevistas a prometida solidariedade. De facto recusaram-se terminantemente de carregar os tijolos nas olarias em grève. E' esta uma boa ajuda para os tijoleiros e muito contribuirá para que os patrões *criem juizo.*

Os transportadores de tijolos fazem uma reunião peral no dia 15 para tratar escluzivamente deste assunto.

Digna de ser rejistrada

Na olaria de Fortunato Menozzi trabalhavam no dia imediato á declaração da gréve uns 20 operarios.

A comissão do Sindicato apresentou-se na olaria para entregar o *memorandum* ao respetivo proprietario e convidar os tijoleiros a serem solidarios no movimento. O encarregado do serviço prometeu á comissão de apresentar o *memorandum* ao proprietario e para tal fim dirijiu-se á cidade, onde o mesmo rezide. Ao passar em frente da olaria de Nano de Mari, secretario da sociedode dos patrões, este chamou-o e disse-lhe que era escuzado ir apresentar a nova tabela ao Menozzi, que não a assinaria, que a não devia assinar. Ao dizer do senhor Mari os operarios devem voltar submissos, umildes e vencidos a baixar a cabeça ao jugo patronal e ás condições antigas,

E' o que veremos, caro senhor, mas nós temos a certeza que será precizamente o contrario.

Greve de Tecelões

Na fábrica de Tecidos de G. Crespi e C. da R. Coronel Murça, os operários, estão talvez em peiores condições que os das outras fábricas.

Aparentemente, o horário é menor do que o das outras, mas em realidade, não o é: o regulamento da fábrica marca o horário de 10 horas por dia, sendo a entrada ás 7 h. da manhã, e a saída ás 5|2 da tarde com 1 1|2 horas para o almoço; pois bem: quando os operarios largam para ir almoçar, já passam 10 ou 15 minutos da hora, e quando voltam principiam 10 minutos antes: de tarde largam outros 10 ou 15 minutos depois, sendo, portanto, roubados no horario em uns 3|4 de hora. Na fabrica não podem fumar, não podem conversar; são contadas as vezes que vão á latrina ou beber agua.

O trabalho é feito por obra, sendo distribuido pelos dirétores da fábrica com taes perferencialidades que alguns chegam a ganhar até 190$000 rs. num mez, ao passo que outros nem chegam a 70$000 rs. pois os que ganham menos não gozam das simpatias dos chefes: quando acabam um *rolo* têm que esperar ás vezes trez dias para que lhes dêem outra cheio de fio.

Os outros do contrário, assim que acabam o *rolo* já tem outro para continuar a trabalhar ininterruptamente; e não raro são incitados a cada momento para que trabalhem de pressa, ás horas estraordinarias, e tambem aos domingos até meio dia.

O trabalho é tão pezado, (pois os teares são movidos a mão) que os operarios são obrigados a amarrar os pulsos, tanto é o esforço que devem fazer. Sabemos de cinco operarios que ficaram doentes, tizicos. Ha naquélla fábrica mulheres moças e muitas crianças, algumas ganhando cinco mil reis por dia.

Os Snrs. G. Crespi e C. aproveitando da ocazião em que diversos operários que desejavam saír d'outras fabricas, lhes foram pedir trabalho, quizeram impôr aos seus operários a diminuição de 20 0|0 na mão de obra. Isto comunicaram no dia 8, dando êles prazo aos operários até o dia 15 do corrente mez para que os que não aceitassem, procurassem outra casa, e se não a encontrassem até essa data, poderiam continuar a trabalhar por mais oito ou dez dias, *porem com a dimiuição* proposta, aduzindo que sofrem concorrencia das outras fabricas, e prometendo que mais tarde dar-lhes-ião um novo dezenho para trabalharem e assim tornariam a ganhar o preço anterior.

Mas os operários consideraram que, com a diminuição do 20 0|0, seriam fortemente prejudicados, e que o novo dezenho proposto não lhes daria para ganharem o que ganhavam, e declararam-se em greve.

Nós apelamos para todos os tecelões, para que não vão trabalhar na fábrica de G. Crespi e C. em quanto durar a greve, porque trairiam os seus companheiros.

Já é muita a esploração ezercida até hoje e não devemos permitir que aumente de proporções.

No próssimo número, voltaremos ao assunto se for necessário.

Operários!
Lêde a LUTA PRÓLETÁRIA.

Pedreiros

Ha homens cujo proceder é tão inqualificavel que não merecem outra coisa a não ser o desprezo de todos, mas é preciso, ás vezes, ocuparmo-nos dêles para evitar que algum companheiro mais injenuo seja prezo na rede dos seus enganos.

Um destes tipos é o tal *João Grass* (construtor) que depois de ter ficado rico esplorando escandalozamente os seus operários, esquecido da antiga orijem de pedreiro, disfarçado e prepotente para com os inconcientes, jezuitas e mentirozo com os concientes, tudo faz, com todos se dá: basta-lhe poder embolsar dinheiro, seja até com os meios mais indignos.

Já ha muito tempo que na nossa classe vigora o horario de 8 horas, e este *tartufo* nunca o adótou e nunca o combateu.

Não adótou o horario de 8 horas pela razão muito simples de que faz trabalhar os seus operarios do amanhecer até a noite; não o combate porque quando algum pedreiro lhe vai pedir serviço, êle diz descaradamente que ali se trabalham 8 horas.

Diante do proceder dum velhaco destes que não sabe sequer aceitar a responsabilidade dos seus àtos, é preciso, pela dignidade da classe, desmascara-lo publicamente, afim de que todos fiquem conhecendo as suas àções.

Um logar de honra deve ser concecedido ao seu companheiro: verdadeiro cão de guarda e carrasco dos mais repugnantes: um pedreiro que pode figurar na galeria dos *Crumiros privilejiados* e que se chama: Saverio Scalpelli.

Como da conciencia destes homens já foi banida a compreensão dó mais elementar dos direitos proletários, achamos fazer coisa util publicando a historia dos seus atos para que a mesma chegue ao conhecimento de toda a classe.

O Conselho esecutivo da
Liga dos Pedreiros

Ao publico em geral e aos Tecelões em particular

Não era meu intento tornar a tratar deste assunto se não tivessem alguns dos contra-mestres da fabrica «Mariangela» publicado um protesto sobre o manifesto que o nosso Sindicato publicou no 1.° numero da *Luta*. Mas em virtude dos tais contra-mestres terem tomado a peito a sua defeza vou demonstrar bem patente se êles tiveram ou não participação nos assuntos que se referem á greve de Maio ultimo e quais foram os meios de que se valeram para iludir os operários naquéla ocazião.

Como todos sabem a greve foi motivada pelo escesso de horario, pois alí trabalhava-se atè ás 8 horas da noite e a mão de obra era paga a preços tão reduzidos que em 14 horas de trabalho os tecelões ganhavam 60, 70 ou 80 mil reis no mássimo.

Depois de 12 ou 14 dias de greve, vendo que os operários não se deixavam iludir com promessas, deliberaram os patrões de chamar os contra-mestres e apresentar-lhes uma tabela na qual eram fiesados 5 preços por cada qualidade de pano que augmentavam ou diminuiam conforme a produção feita por cada tear.

Desta forma o augmento concedido só cabia ao escesso de produção, que aliàs não se pode fazer.

Vamos demonstrar com calculos tecnicos como tal produção não pode de forma alguma ser realizada na maior parte dos panos.

1.º Pano — 24 e 25. — Estes panos trabalhão-se com roda 40 e trama 18, o primeiro, e o segundo com a mesma roda e trama 28. A evolução do tear é de 180 batidas por minuto e em cada polegada de pano entram 60 fios; d'esta forma teremos que em 36 polegadas — ou seja em 1 metro — são precizos 2160 fios e que o tear leva 12 minutos para fazê-las. Teremos assim que o teár farà 5 metros por hora ou sejam 55 por dia. Ora, abatendo 30 por cento para paradas eventuais, a produção fica reduzida a 32 até 40 metros diarios. Sendo de 45 o minimo marcado para obter o tal augmento, fica bem demostrada a impossibilidade de realizá-lo. E note-se que para dar esta produção é precizo trabalhar sem interrupção alguma, coiza que não

se dá porque uma vez ha falta de trama, outra vez é precizo estar parado por falta de rolos e outras mil cauzas.

O preço mássimo destes panos é de 22 reis cada metro fazendo os 45 metros mas não os fazendo como foi provado que não se podem fazer, fica o mesmo reduzido a 20 reis.

2.° Pano 16. — Este pano trabalha-se com a mesma roda e trama do 24, porem é mais largo 9 centimetros e portanto preciza mais fios e é necessario um maior desconto, sendo que a sua produção mássima é de 35 metros. Este era pago de 34 até 37 reis e, falando verdade, era o unico mais bem pago, mas isto durou pouco, pois o tal gerente aranjou logo um meio de o pôr de lado; isto è: poz de lado o preço e o nome; que o pano apareceu com nome trocado mas na realidade è o mesmo pano 16 que passou a chamar-se 8, com o preço de 22 reis.

Esta tem sido a causa dos acontecimentos passados. Alem disso foram postos outros panos da mesma largura e com os mesmos fios e têm-lhes dado nomes novos para assim iludir os operários na sua boa fè.

3.° Ha outros panos aos quais se dá o nome de N. 1 - 19 - 37. Estes são trabalhados com roda 48 onde pelo seu maior tamanho, só entram, em cada polegada, 44 tramas, e por este motivo cada metro leva 1584 fios, dando uma produção de 77 metros por dia. Fazendo os devidos abatimentos, teremos que pode dar 53 metros por dia e, sendo pagos ao mesmo preço dos outros, rezulta uma diferença de quasi 380 reis por teár, regulando pelos 4 teáres uma diferença de 1$500 por dia.

Agora, pergunto eu: Onde está o espirito de justiça que prezidiu á formação de tal tabéla?

(Continua)

SALUSTIANO MARTINS.

Aos alfaiates

Companheiros:

Estão no nosso dominio e todos devem ter compreendido os abuzos dos patrões: nós a trabalhar e eles a ganhar, a viver á nossa custa, a chupar o nosso sangue.

Para podermos ganhar um misero jornal precizamos de trabalhar noite e dia e assim engordar cada vez mais estes parazitas. Entretanto nós que trabalhamos precizamos ser mais considerados e mais bem recompenzados.

Companheiros: Devemos tomar conhecimento de que nòs oficiais que estamos empregados, sujeitos a uma vida muito sacrificada precizamos de trabalhar 11 horas por dia e não podemos educar os nossos filhos por falta de tempo; e de que os companheiro que trabalham em caza sofrem uma vida tão sacrificada como a nossa. Fassamos este calculo: Trabalhando 8 horas por dia, como em outras classes se conseguiu, não chegamos a ganhar 3$000 a 3$500 por dia: isto calculando o preço mássimo que pagam as alfaiatarias.

Atualmente temos de trabalhar das 6 horas da manhã ás 10 e 11 horas da noite, e muitas vezes até ao amanhecer do dia seguinte, e este horario traz-nos muitos prejuizos e acaba por stragar completamente a nossa saude.

Precizamos pensar na nossa situação, agora, para que quando ficarmos velhos e a nossa vista não servir não nos digam:

«Você é velho; não serve! Pode morrer de fome!»

Companheiros: Olhai bem para a nossa situação; quando somos moços somos escravos; ficando velhos, somos desprezados e jogados á rua, como se joga a casca de um limão servido.

Por isto, camaradas, embora tenhamos sido os ultimos a formar a Liga de rezistencia precizamos reûnir-nos todos e isto pelo nosso interesse, para reclamar o nosso direito.

Companheiros: não façais cazo se alguem disser que està em melhores condições que os outros e que não acha necessario inscrever-se na nossa Liga. Amanhã talvez êle se arrependa sua má-vontade.

E' preciso fazer progredir a nossa Liga, para que êla seja forte e considerada como merece, e por isso è necessario que todos vós participais ao nôsso movimento.

Corajem, companheiros, não vos deixeis vencer pela inércia.

Os outros operários de S. Paulo estão-nos dando bôas lições, aproveitamos os ensinamentos.

F. SACCHI.

Liga dos Pintores

Avizamos os nossos socios que foi provisoriamente nomeado cobrador da Liga o companheiro Luciano Campagnoli.

Liga dos Trabalhadores em Madeira

Assembleia de 7 de Fevereiro

Deliberou-se envergonhar publicamente o sr. João Papais pela sua ação ordinaria e pôr em pratica *qualquer meio alcançavel* para obrigar este senhar a abolir na sua oficina o estraordinário.

A respeito da oficina de J. Cataldi, a comissão comunicou ter falado com alguns operários sobre abolição do estraordinario. Estão presentes diversos operários daquella oficina que prometem não continuar a trabalhar depois das 4 horas.

Deliberou-se que as assinaturas do jornal serão recebidas e pagas diretamente Pela Liga.

Recomendamos aos que ainda têm dinheiro dos bilhetes da "festa social" que o entreguem com a maior urjencia á commissão da festa, pois deve êla aprezentar as contas á primeira assembleia.

Não ides trabalhar na fabrica de JOAQUIM DOS SANTOS MALTA.

Sindicato Metalurjicos

Os Operarios metalurjicos já, ao que parece, começaram a despertar-se e voltam ao Sindicato cheios de boa vontade. "Agua molle em pedra dura, tanto bate até que fura."

A assembléia de domingo passado resultou algo numeroza.

Foi aprovodo o balancete geral. Deliberou-se que o Conselho se reuna todas ás quartas-feiras a noite.

A assembleia será convocada cada quinze dias, sendo a primeira reunião no dia 19 deste mez ás 7 e meia da noite. Foram nomeados os *revizores* de contas.

PELO ESTADO

A liga operária de Campinas comunica a todos os operários que continua aperta até o dia 4 de Março a matricula para os que desejam frequentar a AULA NOTURNA DE ENSINAMENTO, que irá funcionar quanto antes na sede da mesma Liga - Rua Rejente Feijó, 39.

No prossimo numero correspondencias de Limeira e S. Bernardo.

Quadrilha de ladrões

Colonos roubados, Infamias incriveis

Ha seis mezes que os colonos da «Chacara da Laranjeira», em Campinas, não recebem o pagamento dos seus ordenados. De nada valeram até agóra todos esses protestos, todas as suas reclamações: os patrões pagavam êles com promessas iluzorias, zombando dêles, da sua mizéria, das suas ezijencias de famintos.

Ha dias, os colonos cançados de esperar, dezesperados, com as familias padecendo fome — os vendeiros recuzavam-se de dar-lhes alimentos a credito — deliberaram encarregar um seu companheiro de ir pedir ao administrador o seu parecer a respeito do pagamento.

Chegado o emissario a presença do administrador, este agrediu-o de revolver em punho e impoz-lhe que voltasse ao cafezal dizer aos outros colonos que *deviam continuar a trabalhar quer quizessem, quer não*, porque do contràrio seriam multados em 10$000 por cada dia que estivessem parados.

Convém notar que os colonos tinham as cadernetas *devidamente legalizadas* e entretanto as autoridades a que tiveram a injenuidade de se dirijir aconselharam-nos a saír da fazenda sem receber a importancia que lhes era devida e que reprezentava muitos mezes de trabalho brutal.

Isto parece um conto de outros tempos: parece ser uma triste lembrança dos anos anteriores a 1888; mas é realmente uma crua verdade. Dissemos ha dias que a abolição da escravatura sem pôr os operários na condição de se verem livres do jugo capitalista, concedia-lhes a liberdade da *escolha do patrão*. Este facto e tantos outros que se passaram nos *feudos* do interior do Estado vem-nos demonstrar o engano em que tinhamos involuntariamente caído.

Em nosso paiz a escravidão vigora ainda, apezar de todas as LEIS AUREAS e os infelizes colonos que produzem toda a riqueza do paiz que contribuem para a engorda da grande vara dos parazitas sociais, são escravos no verdadeiro sentido da palavra, que podem ser impunemeute constranjidos na *unica liberdade* que lhes era legalmente concedida, que podem ser cobardamente roubados sem que um protesto seja levantado enerjicamente contra os seus uzurpadores e sem que estes se vejam impedidos na sua áção criminoza.

Como tudo isto é triste e como nos parece enorme o trabalho que é precizo realizar para que tantos milhares de colonos vitimas da mais infame das tiranias cheguem á dignidade de homens! Como desejariamos que a nossa voz fosse tão forte que chegasse a repercutir de um a outro ponto do estado, e clamasse aos *escravos brancos* o incitamento a àção á rebeldia contra tudo e contra todos, para que a unica, a verdadeira justiça—que é feita pelo braço do homem e não pelas leis prostitutas de uma caterva de carrascos—fosse finalmente estabelecida onde vigora àtualmente, por causa da inconciencia de uns e da malvadez de outros, os mais repugnantes sistemas de escravidão.

REUNIÕES

Sindicato dos Alfaiates

Reunião do Conselho Executivo todas as Quinta Feira.

Tecelões. — Reunião geral do sindicato no Domingo 22 as 2 horar nos locaes sociaes.

Liga de Rezistencia entre Pedreiros e annexos.—Convidamos todos os socios desta Liga a intervirem a Assembleia geral que realisar-se a no Sabado 15 do corrente a 7 horas da noite no Largo do Riachuelo N. 7 A sobrado.

Pedimos o comparecimento de todos, pois sera tratada a seguinte

ORDEM DO DIA

1.° Leitura da ata anterior.
2.° Nomeação do Tesoureiro, do Secretario, de 3 revizores de contas e de 3 conselheiros.
3.° Varias.

Será tratado do assunto das 8 horas e do meio dia para que o horario não seja modificado.

O CONSELHO EZECUTIVO

FOLHETIM — N. 4

O DIA DE 8 HORAS

Tradução da brochura editada pela Confederação Geral do Trabalho de França

Estalaram gréves em quantidade e os grevistas exigiam a conservação do antigo salario, quando não exigiam um aumento.

Uma estatistica publicada pela Officina de Trabalho avalia em 95.570 o numero de operarios que se puzeram em gréve por este motivo e deste numero 87.250 obtiveram satisfação. Portanto, mais de nove grévistas sobre dez (precisamente 91, 30 %), tiveram o salario anterior mantido ou elevado e ao mesmo tempo o beneficio d'uma redução na duração do trabalho.

Os que não fizeram gréve tiveram porventura como compensação da diminuição das horas de trabalho o beneficio d'um aumento de jornal? Não se sabe. Em todo o caso, póde-se concluir que se o seu salario não foi melhorado, elles só podem queixar-se de si proprios: faltou-lhes energia, espirito de revolta.

—

O exemplo que aí fica deve dar-nos coragem para a acção. E' o melhor argumento que se póde apresentar aos camaradas negligentes que hesitem em reivindicar comnosco a jornada de OITO HORAS.

Não esqueçamos isto: os resultados que obeteremos serão proporcionais ao nosso esforço, á nossa vontade conciente! O objectivo dos companheiros deverá concentrar-se neste ponto: exigir, ao mesmo tempo que exigem a diminuição das horas de trabalho, um salario que iguale—ou, melhor que excêda—o salario anterior.

De resto, ao lado das pendencias suscitadas pela questão dos salarios, surgirão outras. Cada corporação aproveitará a ocasião e apresentará as suas reivindicaçõis particulares. Os companheiros que trabalharem 8 horas, não exigirão as 8, certamente; mas aproveitarão a agitação que os cérca para exigir outros melhoramentos, ou menos de 8 horas. E nalgumas corporações, deve-se empreender a luta contra o trabalho a domicilio, contra o criminoso «sistema do suor» (*sweating system*), e tambem contra os contratistas, assim como contra o trabalho por peças.

As 8 horas de trabalho e a produção

Que consequencias terá, na produção a diminuição das horas de trabalho?

Examinemos, o problema. Não obstante considerarmos o patrão como inimigo de Classe, contra o qual devemos conquistar o nosso bem-estar social, é-nos preciso saber que repercussão terá nelle a nossa reivindicação afim de nos compenetrarmos concientemente dos obstaculos a vencer, — e para que, por isso, estejamos melhor armados para a luta.

Ha gente que se espanta, pensando que a redução nas horas de trabalho arrasta a industria á ruina. Quem teme este imaginario perigo esquece-se de que a duração do trabalho já foi diminuida na industria, sem que d'isso resultasse a sua ruina. Pelo contrario, verificou-se um efeito oposto: a consequencia da redução das horas de trabalho foi quasi sempre um novo impulso industrial. Em meiados do seculo passado, em 1847, no Textil, Inglaterra, a duração do trabalho que se elevava a 13 horas e algumas vezez a mais, foi reduzido a 10 horas; a industria não ficou prejudicada com isso nem os salarios sofreram uma baixa proporcional.

Esta redução da jornada de trabalho fora preparada e tornada necessaria pela agitação revolucionaria para a conquista do dia de 8 horas, a qual começou na Inglaterra em 1833, e pelo movimento *cartista*, cujo escôpo principal era a conquista d'uma constituição democratica.

Depois desta transformação, com o novo horario, a produção foi quasi equivalente ao que era anteriormente—e houve ate casos em que se verificou que aumentára.

Por essa época, as usinas de algodão da Grã-Bretanha empregavam 500.000 operarios na transformação de 300 milhões de libras de algodão; hoje, 700.000 operarios transformam 2.000 milhões de libras de algodão, e a duração do trabalho, diminuida de novo, é, quando muito, de nove horas por dia. A industria textil da Grã-Bretanha, que tem assinalado por um impulso novo as suas sucessivas reduções de tempo de trabalho, ficará porventura arruinada um dia em que foi obrigada a aceitar a JORNADA DE OITO HORAS? Não, evidentemente. Como aconteceu anteriormente, realisar-se-á uma engenhosa adaptação dos meios mecanicos á força humana, e por isso, a industria não correra perigo.

Depois, em muitas industrias, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos ou na Australia, está praticada a JORNADA DE OITO HORAS: e nem por isso os esploradores estão arruinados.

Alguns exemplos o demonstrarão melhor que uma larga argumentação.

Em 1858, em Sydney, tıabalhadores do ferro da Companhia Australiana de Vapores obtiveram o DIA DE OITO HORAS com a condição de aceitarem, a titulo de experiencia, uma redução proporcional nos salarios. Pois ao cabo d'um anno, a Companhia reconheceu que o melhor trabalho, as economias de gaz, de azeite, etc., lhe permitiam pagar os antigos salarios—e começou a pagá-los d'aí por diante.

Ha mais de dez annos que na Inglaterra, em todas as oficinas do Estado, adopta o DIA DE OITO HORAS.

O ministro a que se deve esta iniciativa, Campbell Bannerman, declarou no Parlamento, que «as informações que tinha permitia-lhe afirmar que a redução a 8 horas seria tão vantajosa para o Estado, como para os operarios...» Fê-la, pois, aplicar nas oficinas do ministerio na guerra; no anno seguinte, em 1894, era posta em vigor no ministerio da marinha; depois, em 1895, nos correios e telégrafos.

(Continúa)